JORNAL LABORATÓRIO: O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS DOS ESTUDANTES DE JORNALISMO

Bruno Cordeiro Chagas Santos[1]
Cintia Moreno[2]

Resumo

Os jornais laboratórios desempenham um papel essencial na formação profissional dos estudantes de Jornalismo, proporcionando uma simulação do ambiente dinâmico e desafiador do jornalismo. Por meio de entrevistas com diferentes perfis de estudantes, foi possível observar que aqueles que participaram de jornais laboratórios durante a graduação destacaram essa experiência como enriquecedora e impactante para seu desenvolvimento profissional. No entanto, a falta de acesso a jornais laboratórios pode representar uma lacuna significativa na formação dos alunos, prejudicando sua transição para o mercado de trabalho. É essencial que as instituições de ensino trabalhem para garantir que todos os alunos tenham acesso a essas oportunidades práticas, adaptando horários de funcionamento e promovendo uma integração mais eficaz entre teoria e prática ao longo do currículo acadêmico.

Palavras-Chave: Jornais laboratório; formação profissional; estudantes de Jornalismo; experiência prática; mercado de trabalho

Laboratory newspapers: The influence on development of professional competences from Journalism undergraduates

Abstract

Laboratory newspapers play an essential role in the professional development of journalism students, providing a simulation of the dynamic and challenging journalism environment. Through interviews with different profiles of students, it was observed that those who participated in laboratory newspapers during their undergraduate studies highlighted this experience as enriching and impactful for their professional development. However, the lack of access to laboratory newspapers can represent a significant gap in students' education, hindering their transition to the job market. It is essential for educational institutions to work to ensure that all students have equal access to these practical opportunities, adapting operating hours and promoting a more effective integration between theory and practice throughout the academic curriculum.

[1] Graduando do curso de Jornalismo da UniFTC Salvador. Email: chagas.santos1@ftc.edu.br.
[2] Orientadora do trabalho. Docente do curso de Jornalismo da UniFTC Salvador. Email: cmoraes.ssa@ftc.edu.br.

Keywords: Laboratory newspapers; professional development; journalism students; practical experience; job market;

1. Introdução

O panorama do ensino de Jornalismo no Brasil é um verdadeiro reflexo da complexidade e das transformações que marcaram o país ao longo das décadas. Desde os primórdios, os cursos de Jornalismo têm buscado se adaptar aos contextos históricos, sociais e políticos, moldando a formação dos futuros profissionais. Uma parte essencial desse processo educacional é representada pelos jornais laboratório, espaços nos quais os estudantes têm a oportunidade de aplicar teorias aprendidas em sala de aula em um ambiente prático, contribuindo para uma compreensão mais profunda e contextualizada da profissão jornalística. Esta análise propõe-se a percorrer essa trajetória educacional, destacando não apenas a evolução dos cursos de Jornalismo, mas também o papel crucial desempenhado pelos jornais laboratórios nesse cenário.

No Brasil, a consolidação dos cursos de Jornalismo remonta à década de 1940, marcada pela criação das primeiras faculdades dedicadas à formação de profissionais da imprensa. Essa fase inicial, caracterizada por uma ênfase no conhecimento filosófico e ético-social, refletia não apenas a busca por uma elite cultural, mas também as peculiaridades do contexto político da época. A regulamentação da profissão e a exigência de diplomação, posteriormente, foram marcos que impulsionaram a profissionalização e o reconhecimento acadêmico da área.

Entretanto, a década de 1970 trouxe desafios significativos, como a proibição de estágios em jornalismo pelo Decreto 83.284/79, sinalizando um distanciamento entre a teoria ensinada nas instituições de ensino e as práticas jornalísticas nas redações. Em meio a esse cenário, os jornais laboratórios emergem como peças-chave na busca por uma formação mais completa e alinhada às demandas do mercado.

2. Referencial Teórico

2.1 Trajetória do ensino do Jornalismo no Brasil

Com o intuito de explorar o papel fundamental e a relevância adquirida pelos jornais laboratórios na formação do profissional em jornalismo, torna-se essencial compreender a trajetória do surgimento e evolução do ensino nos cursos de Jornalismo no Brasil. Em novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas instaurou o Estado Novo, regime que perdurou até 1945 e impôs uma era ditatorial ao país. Esse contexto histórico influenciou significativamente o desenvolvimento do ensino de Jornalismo, moldando a maneira como os futuros profissionais eram preparados para enfrentar os desafios do campo jornalístico. De acordo com Petrarca (2009), o projeto de Getúlio "tinha como objetivo "organizar" tanto a sociedade, de um modo geral, quanto um conjunto de atores que desempenhavam atividades profissionais como médicos, escritores, advogados e jornalistas" (Petrarca, 2009 p.7). O presidente pretendia regulamentar as profissões, as leis trabalhistas e sindicais. Desse modo, em 1938, o jornalismo é, pela primeira vez, regulamentado.

Nesse cenário, na década de 1940, observamos o surgimento das primeiras faculdades de jornalismo. No dia 16 de maio de 1947, entra em funcionamento o Curso de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero (SP), vinculado ao jornal *A Gazeta*. Antes desse marco, a Associação Brasileira de Imprensa e a Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo já haviam realizado tentativas de estabelecer cursos de jornalismo.

Contudo, somente em dezembro de 1946, Ernesto de Souza Campos, ministro da Educação e da Saúde, emitiu o Decreto 22.245, que regulamentava o Decreto-lei nº 5480. Esse decreto instituiu oficialmente o curso de jornalismo no sistema de ensino superior do Brasil. O Decreto 22.245, portanto, criava as condições legais para a instalação e funcionamento desses cursos no país. "Os cursos de jornalismo surgidos nesse período pretendiam formar uma elite cultural capaz de contribuir para construção da política brasileira" (Petrarca, 2009, p.6).

Melo (1972) categoriza a evolução do ensino de jornalismo no Brasil em quatro fases distintas: ético-social, técnico-editorial, político-ideológico e crítico-profissional. No estágio inicial, conforme descrito por Melo (1972), os cursos enfatizavam o conhecimento filosófico. Lopes (1989) contextualiza o surgimento das faculdades de Jornalismo no país como parte integrante das faculdades de Filosofia, resultando em uma formação excessivamente teórica e humanista para os futuros profissionais. "Preparavam-se homens de letras, eruditos e estilistas da pena no lugar de homens de imprensa" (Lopes, 1989, p.31). Essa fase coincide com o

término do Estado Novo, um período ditatorial no Brasil, marcando o início de um processo de redemocratização no país. Esse contexto político também contribui para a ênfase em aspectos éticos e filosóficos no ensino de Jornalismo.

De acordo com a síntese reproduzida no livro *Jornal Laboratório: Do Exercício escolar ao compromisso com o público leitor* (Lopes, 1940, p.21), em 31 de março de 1964, o golpe militar de 1964 passa a ser a fronteira histórica entre o momento ético-social e o técnico-editorial ao estabelecer uma descontinuidade na trajetória constitucional e reintroduzir na política as variáveis autoritárias que marcaram o Estado Novo: a volta da censura, do controle das atividades intelectuais, das dificuldades no exercício da liberdade de imprensa e com a importação de tecnologias para a imprensa representa uma preocupação com a prática jornalística e com a técnica, o que caracteriza a segunda fase do curso de jornalismo no país.

Ainda durante esse segundo momento, o Decreto nº 972 de 17 de outubro de 1969, teve um papel significativo na regulamentação da profissão de jornalismo no Brasil. Ele estabeleceu que apenas pessoas diplomadas na área poderiam exercer a profissão de jornalista. Isso significa que, a partir desse momento, era necessário obter um diploma para trabalhar legalmente como jornalista no país.

Essa medida teve um impacto importante no cenário educacional, incentivando o surgimento de escolas de Jornalismo no Brasil. A necessidade de profissionais qualificados levou ao aumento no número de instituições de ensino superior oferecendo cursos específicos para formação em jornalismo. A regulamentação da profissão e a exigência de diplomação buscavam garantir padrões de qualidade na prática jornalística, assegurando que os profissionais tivessem uma formação adequada para lidar com as responsabilidades éticas e técnicas da profissão, o que refletiu em uma tendência global de busca por profissionalização e reconhecimento acadêmico.

O Decreto 83.284/79, que entrou em vigor em 13 de maio de 1973, trouxe uma nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972/69, que dispunha sobre o exercício da profissão de jornalista. Essa atualização foi realizada em resposta às mudanças introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. No artigo 19 do novo decreto, fica estipulado que “constitui fraude a prestação de serviços profissionais gratuitos, ou com pagamentos simbólicos, sob pretexto de estágio, bolsa de estudo, bolsa de complementação, convênio ou qualquer outra modalidade, em desrespeito à legislação trabalhista e a este regulamento”.

Trata-se, portanto, de proibir o aprendizado prático, por meio de estágio, nas redações do país. Essa disposição levantou questões sobre a possibilidade de aprendizado prático por

meio de estágios nas redações do país. A intenção por trás dessa medida pode ter sido evitar a exploração de profissionais em formação.

As eleições parlamentares de 1974, consagrando os candidatos oposicionistas nos grandes centros metropolitanos, abrem perspectivas para o retorno do país à vida democrática. Para Melo (1972), esta é considerada a terceira fase, pois foi a partir de então que há novamente o abrandamento da censura à impressa e surgem os primeiros cursos de pós-graduação em Jornalismo. Movimentos socioculturais emergiram em meio ao contexto de abertura política no Brasil e a crescente demanda por profissionais nas diversas plataformas de mídia impressa do país estimularam a criação de cursos adicionais para atender a essa necessidade crescente. Esse período de transformação social e política incentivou a diversificação da oferta educacional em jornalismo, visando a preparar profissionais para atuar em um ambiente midiático em constante evolução.

Essa abertura política permitiu questionamentos para muitas conquistas, como por exemplo, a regulamentação da profissão de jornalista. Conforme Melo (1972), os proprietários de jornais lançaram uma campanha contra os cursos de Jornalismo, argumentando que esses cursos careciam de uma infraestrutura adequada para formar profissionais aptos ao mercado de trabalho.

Em meio a essa controvérsia, o Conselho Federal de Educação optou por adotar uma posição diferente: defender aprimoramentos nas escolas de comunicação e jornalismo, sugerindo que essa responsabilidade deveria recair sobre as próprias universidades. É nesse ponto que se inicia a última fase do ensino de jornalismo no país, segundo Melo (1972). O aspecto crítico-profissional surge a partir dos debates entre professores e estudantes sobre maneiras de aprimorar os cursos oferecidos.

2.2 Características e definições

Um jornal laboratório é uma publicação produzida por estudantes de jornalismo ou áreas afins como parte de sua formação acadêmica. Suas características e definições incluem:

Produção Estudantil: Elaborado por alunos de jornalismo, supervisionados por professores ou profissionais da área;

Ambiente de Aprendizagem: Serve como um espaço de experimentação e aprendizagem prática, permitindo aos estudantes aplicarem teorias e técnicas jornalísticas;

Experiência Profissional: Proporciona aos estudantes uma experiência próxima à realidade profissional, incluindo pesquisa, redação, edição e design;

Conteúdo Diversificado: Costuma abordar uma variedade de assuntos, desde questões locais a temas de interesse nacional e internacional;

***Feedback* e Avaliação:** Os jornais laboratório são frequentemente utilizados como ferramenta de avaliação do desempenho dos estudantes, recebendo *feedbacks* de professores e colegas.

Plataforma de Inovação: Permitem a experimentação de novas formas de contar histórias, utilizando diferentes formatos multimídia e tecnologias emergentes;

Vínculo com a Comunidade Acadêmica: Muitas vezes, o jornal laboratório está integrado à comunidade acadêmica, servindo como um meio de comunicação entre alunos, professores e funcionários da instituição;

Ética e Responsabilidade: Deve aderir aos princípios éticos do Jornalismo, como precisão, imparcialidade e respeito à privacidade, enquanto promove a responsabilidade social e o interesse público.

2.3 Importância do jornal laboratório nas instituições de ensino

Desde o início de sua implementação no Brasil, os cursos de Jornalismo têm enfrentado desafios notáveis na manutenção eficaz de órgãos laboratoriais. Essa dificuldade tem comprometido a capacidade desses cursos de proporcionar aos estudantes uma experiência prática e significativa no âmbito profissional do jornalismo. Conforme Melo (1967), as faculdades de Jornalismo possuem funções primordiais, incluindo a formação abrangente de profissionais por meio de aulas teóricas e práticas. Essas instituições também têm a responsabilidade de promover investigações e análises sobre os meios de comunicação, além de servir como laboratórios inovadores para experimentações nos processos jornalísticos.

No entanto, o Decreto 83.284/79 trouxe desafios, proibindo estágios em Jornalismo e resultando em um distanciamento entre a teoria aprendida na escola e as práticas nas redações. Essa dicotomia foi superada, em parte, pela Resolução Nº 03/78, aprovada pelo Conselho Federal de Educação, que tornou os órgãos laboratoriais obrigatórios, especialmente os jornais laboratoriais, dentro das faculdades, conforme destacado por Lopes (1989). Esses veículos são reconhecidos como espaços importantes para a pesquisa e reprodução da prática jornalística.

Melo (1984) destaca que a formação de jornalistas sem proporcionar a eles a oportunidade de colocar em prática os modelos aprendidos em sala de aula tem sido uma

fonte constante de frustração na área de Jornalismo desde a década de 1950. Ele ressalta a coincidência histórica que destaca a necessidade crítica de laboratórios como espaços fundamentais para a pesquisa, reprodução e inovação da prática jornalística. Essa perspectiva enfatiza a importância de ambientes práticos na formação jornalística na qual os estudantes podem aplicar conceitos teóricos, desenvolvendo assim uma compreensão mais profunda e contextualizada da profissão.

A presença de um jornal laboratório nos cursos de Jornalismo é considerada indispensável. No entanto, essa presença não se resume a qualquer projeto; é essencial que o jornal laboratório tenha características específicas para ser considerado eficaz. Elementos incluem a definição clara do público-alvo, a manutenção de uma periodicidade consistente e a criação de uma percepção sólida tanto por parte dos alunos quanto dos leitores de que o jornal laboratório é uma fonte de informação segura e confiável. Esses atributos não apenas reforçam a importância do jornal laboratório como uma ferramenta prática no ensino de jornalismo, mas também garantem que ele cumpra seu papel de maneira eficaz na formação e na produção jornalística. Assim, Lopes (1989, p.36) diz que é preciso ter consciência de que não existe prática sem teoria. E completa: “Os próprios órgãos laboratoriais podem ser utilizados para essa articulação teórico-prática” (Lopes, 1989, p.36).

Melo (1984) destaca que a prática jornalística nas universidades não deve ser reduzida a uma simples questão tecnológica, que se refere apenas à disponibilidade de equipamentos e instrumentos nos laboratórios. Ele enfatiza a importância de projetos pedagógicos que orientem o uso desses laboratórios, proporcionando aos educandos oportunidades de enfrentar situações que transformem o jornalismo em uma compreensão concreta da realidade. Essa perspectiva ressalta que a prática jornalística no ambiente acadêmico não deve ser apenas uma aplicação técnica, mas sim uma abordagem que envolve uma compreensão mais profunda da realidade, contextualizando a prática dentro de um quadro pedagógico significativo.

O jornal laboratório tem como objetivo primordial transcender as limitações de um ambiente acadêmico convencional. A intenção é que os alunos percebam esse veículo como uma ferramenta essencial para a prática das tarefas cotidianas relacionadas ao jornalismo. Em vez de ser apenas uma atividade educacional dentro da sala de aula, o jornal laboratório busca se posicionar como um espaço dinâmico e funcional no qual os estudantes podem aplicar, experimentar e aprimorar suas habilidades jornalísticas no contexto real da profissão. Essa experiência prática é crucial para que os estudantes possam explorar e identificar suas afinidades nas áreas impressa, audiovisual, radiofônica ou online.

3. A importância do jornal laboratório para a comunidade

É considerada também a importância e o papel do jornal laboratorial em relação à sociedade. Mesmo sendo flexível, é fundamental que o jornal laboratorial possua uma identidade distintiva, algo que o caracterize como um veículo a serviço de seu público, sendo externalizado. Isso significa que o jornal laboratorial não deve se restringir apenas a assuntos da comunidade universitária, mas deve abranger também o público externo, incluindo os bairros adjacentes à universidade, questões políticas e urbanas.

> O conteúdo do jornal-laboratório deve se voltar para assuntos de interesse da comunidade em que ele está inserido ou mesmo para grandes reportagens. A valorização de temas regionais mostra que o jornal-laboratório não é apenas um treinamento meramente laboratorial, mas que pode levar o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade (Vieira Júnior, 2002, p.97).

Essa abordagem destaca a necessidade de o jornal laboratório conectar-se ativamente com a comunidade em seu entorno, abordando questões relevantes e contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica por parte dos estudantes sobre o papel do jornalismo na sociedade.

Assim, é possível afirmar que a vivência no jornal laboratorial na universidade assume um papel crucial no desenvolvimento do acadêmico, impactando não apenas sua formação profissional, mas também seu crescimento pessoal. Essa experiência proporciona ao estudante a oportunidade de se conectar com as áreas que mais o cativam, auxiliando-o na busca por sua identidade no campo jornalístico.

Além disso, o jornal laboratório não apenas é um meio de aprendizado, mas também uma plataforma que incentiva o acadêmico a se tornar um agente formador de opinião. É experimentando que o aluno sente na pele as dificuldades de coletar dados, encontrar as fontes necessárias para sustentar a sua proposta de pauta e provar que o assunto é de interesse da comunidade.

Ao manter contato com a comunidade, o aluno passa a trabalhar de modo mais consciente, mais sério e profissional. Na verdade, ele deixa de ser passivo e se torna um questionador ativo e defensor do jornal para o qual trabalha. Nesse processo, ele compreende que ser jornalista vai além de ter habilidades técnicas ou conhecer todas as técnicas e regras para redigir uma matéria jornalística; é ter um compromisso genuíno com seu público.

Essa mudança de perspectiva leva o aluno a refletir que a prática jornalística não se resume a escrever para os colegas de sala ou para o professor que avalia. Pelo contrário, é o

laboratório que se aproxima da realidade de uma redação, proporcionando uma experiência mais próxima do ambiente profissional.

Lopes (1989) explica que “nos próprios exercícios didáticos que se realizam nos laboratórios é possível contrabalançar a reprodução dos padrões jornalísticos dominantes com a criação de novos modelos que possam constituir alternativas viáveis”. Em relação às escolas particulares, observam-se que, em alguns casos, os proprietários assumem o direito de determinar a linha editorial do jornal-laboratório. Já nas instituições públicas, fica evidenciado que esse veículo muitas vezes se restringe ao campus, e a periodicidade está sujeita a variáveis como a disponibilidade da gráfica, decisões do diretor do curso ou mesmo da reitoria.

O enfoque do conteúdo do jornal laboratório deve estar alinhado aos interesses da comunidade em que está inserido, priorizando temas relevantes e até mesmo grandes reportagens. Essa ênfase em assuntos regionais não apenas transforma o jornal-laboratório em mais do que um simples treinamento laboratorial, mas também possibilita que os alunos adotem uma postura crítica e reflexiva em relação à sociedade que os envolve.

A integração bem-sucedida entre a escola e a comunidade exige que o projeto pedagógico não fique subordinado exclusivamente à direção da universidade, nem se restrinja aos problemas acadêmicos que proporcionam uma prática profissional limitada. É essencial respeitar as características específicas da região onde o laboratório didático está situado. A produção jornalística não pode ser dissociada da comunidade; a interação entre o jornal-laboratório e a comunidade determinará a linha editorial, o conteúdo e a linguagem adequada ao universo do público leitor.

Lopes (1989) avalia como fundamental a importância de ouvir as comunidades-alvo para estabelecer diretrizes editoriais, enfatizando a participação ativa dos receptores na definição do conteúdo e na construção de uma relação significativa entre o jornal-laboratório e a comunidade. Ele alerta que “os laboratórios de generalidades, assuntos absolutamente desenraizados de uma área geosocial correm o risco de vir a ser muito mais exercícios de crônicas do que reportagens. O aluno só trabalha num contexto real se tiver um público definido.”

O jornal laboratório deve estar enraizado no espírito da comunidade, atento aos anseios e comportamentos do leitor. É fundamental que o leitor sinta que o jornal está sintonizado com tudo o que acontece ao seu redor. As expectativas do leitor devem servir

como guia no processo de ensino-aprendizagem do laboratório, direcionando a produção para temas relevantes e significativos.

A participação ativa da comunidade na criação do projeto do jornal-laboratório, enfatizada por Lopes (1989) ao abordar a importância de sua presença em futuras reuniões de pauta, estabelece o vínculo desejado por jornais comunitários. Essa interação efetiva no desenvolvimento do projeto editorial e no planejamento das pautas fortalece a relação entre o jornal e a comunidade, sendo essencial para publicações com enfoque local. Em suma, a inclusão da comunidade no processo decisório editorial é crucial para alcançar o propósito de jornais que almejam uma abordagem verdadeiramente comunitária.

4. Como a experiência em jornais laboratório ajuda no desenvolvimento dos estudantes em relação às habilidades profissionais

O jornal-laboratório desempenha um papel crucial no processo de formação de jornalistas dentro do ambiente universitário. Ele não é apenas um espaço físico onde os alunos realizam atividades práticas, mas é essencialmente um ambiente de aprendizagem ativa, onde os estudantes têm a oportunidade de vivenciar e reproduzir os processos jornalísticos reais.

> O jornal-laboratório constitui espaço essencial de ensino-aprendizagem para a formação de jornalistas na universidade. Sua função é a de criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão (VIEIRA JUNIOR, 2002, p. 100).

Uma das principais maneiras pelas quais os jornais laboratórios contribuem para o desenvolvimento dos estudantes é proporcionando uma compreensão prática dos princípios e técnicas do jornalismo. Como afirmou Aristóteles (século IV a.C.), "Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um ato, mas um hábito." Os alunos têm a chance de aplicar conceitos aprendidos em sala de aula em situações reais, incluindo pesquisa, redação, edição, reportagem, entrevistas e investigação. Essa prática direta é crucial para solidificar o conhecimento teórico e desenvolver habilidades práticas.

Além disso, a experiência em jornais laboratórios oferece aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades de colaboração e trabalho em equipe. Eles aprendem a trabalhar em conjunto com colegas de diferentes formações e perspectivas para produzir conteúdo jornalístico de alta qualidade. Essa colaboração reflete o ambiente de trabalho jornalístico real, onde a capacidade de trabalhar em equipe é essencial para o sucesso.

Outro aspecto importante é a oportunidade de os alunos experimentarem diferentes funções e áreas dentro do jornalismo. Como disse Confúcio (século V a.C.), "escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida." Eles podem explorar interesses e aptidões, como reportagem, edição, design gráfico, fotografia, produção de vídeo, mídias sociais e muito mais. Essa variedade de experiências permite que os alunos descubram suas paixões e desenvolvam uma compreensão holística do campo jornalístico.

Os jornais laboratório oferecem um ambiente seguro para os alunos cometerem erros, experimentarem novas abordagens e aprenderem com *feedback* construtivo. Essa cultura de aprendizado contínuo é fundamental para o desenvolvimento profissional, pois os alunos podem enfrentar desafios e crescer como profissionais jornalísticos.

5. Entrevistas com estudantes sobre as práticas pedagógicas existentes de jornais laboratório: sugestões para melhorias na formação prática

O estudo realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou compreender as práticas pedagógicas existentes nos jornais laboratórios e identificar sugestões para melhorias na formação prática dos estudantes de jornalismo. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas entrevistas com três perfis distintos de estudantes.

No primeiro perfil, entrevistamos um estudante que já concluiu a graduação e teve a oportunidade de participar de um jornal laboratório durante seu curso. Essa entrevista permitiu obter *insights* valiosos sobre a experiência prática do aluno, destacando os benefícios e desafios enfrentados durante sua participação no jornal laboratório.

No segundo perfil, entrevistamos um estudante que está próximo de finalizar a graduação, mas não teve a oportunidade de participar de um jornal laboratório. Essa entrevista proporcionou uma visão diferente, permitindo compreender as lacunas na formação prática do estudante e os possíveis impactos dessa ausência de experiência laboratorial.

Por fim, no terceiro perfil, entrevistamos um estudante que já concluiu a graduação, mas também não teve a oportunidade de participar de um jornal laboratório. Essa entrevista possibilitou identificar as percepções desse aluno sobre a falta de experiência prática em um ambiente de produção jornalística simulada e as possíveis consequências disso em sua formação profissional.

5.1 O impacto dos jornais laboratórios na formação profissional em Jornalismo

Nos últimos anos, os jornais laboratório têm desempenhado um papel fundamental na formação prática dos estudantes de jornalismo. Esses ambientes simulados de redação proporcionam uma oportunidade valiosa para os futuros profissionais experimentarem o ambiente dinâmico e desafiador do Jornalismo antes de ingressarem no mercado de trabalho. Nesse contexto, é necessário examinar o impacto dessa experiência na formação profissional dos estudantes, bem como identificar sugestões para aprimoramentos futuros.

Em uma série de entrevistas realizadas com diferentes perfis de estudantes de Jornalismo, foi possível observar uma tendência clara: aqueles que participaram de jornais laboratórios durante a graduação destacaram a experiência como extremamente enriquecedora e impactante para o seu desenvolvimento profissional. Um dos entrevistados, Alexandre Falcão, compartilhou sua experiência no portal *Avera Notícias*, da Unifacs, onde desempenhou diversas funções: desde repórter até editor de texto. Falcão descreveu o ambiente do jornal laboratório como semelhante a uma redação profissional, onde teve a oportunidade de aprimorar suas habilidades de apuração, relacionamento com fontes e escrita jornalística.

Além disso, Falcão (2024)[3] ressaltou que a participação no jornal laboratório contribuiu significativamente para sua preparação para o mercado de trabalho, fornecendo-lhe uma vantagem competitiva em relação aos colegas que não tiveram essa experiência. Ele enfatizou a importância de ter no currículo matérias publicadas e trabalhos realizados durante sua participação no *Avera Notícias*, o que lhe proporcionou uma gama de oportunidades e efetivação em estágios profissionais.

No entanto, é importante reconhecer que nem todos os estudantes têm acesso a jornais laboratórios durante sua formação acadêmica. Entrevistados que não participaram de jornais laboratórios expressaram certa frustração e perceberam uma desvantagem em relação aos colegas que tiveram essa experiência. Essa disparidade ressalta a necessidade de uma maior democratização do acesso a oportunidades práticas de jornalismo dentro das instituições de ensino.

Diante desses resultados, surge a questão sobre como melhorar e ampliar a experiência dos jornais laboratórios para todos os estudantes de jornalismo. Uma sugestão seria investir em parcerias com veículos de comunicação locais e regionais, proporcionando aos alunos a oportunidade de estagiar em ambientes profissionais reais. Além disso, é fundamental promover uma maior integração entre teoria e prática ao longo do currículo acadêmico,

[3] Entrevista cedida para o autor.

garantindo que os estudantes desenvolvam habilidades práticas desde os primeiros anos de curso.

Em suma, os jornais laboratório desempenham um papel crucial na formação profissional dos estudantes de jornalismo, proporcionando-lhes uma oportunidade única de vivenciar o ambiente real de uma redação antes de ingressarem no mercado de trabalho. No entanto, é necessário um esforço contínuo para garantir que todos os estudantes tenham acesso a essa experiência enriquecedora, preparando-os adequadamente para os desafios e demandas da profissão jornalística.

5.2 A importância da participação em jornais laboratórios na formação profissional em jornalismo

A participação em jornais laboratórios durante a graduação em Jornalismo têm sido reconhecida como uma experiência enriquecedora e fundamental para o desenvolvimento profissional dos estudantes. No entanto, há casos em que os alunos não têm acesso a essa oportunidade dentro de suas instituições de ensino. Entrevistas com estudantes que estão prestes a concluir a graduação e não participaram de jornais laboratórios revelam percepções importantes sobre as lacunas na formação e as expectativas para o futuro.

Vitória Oliveira (2024)[4], uma estudante de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, compartilhou sua experiência de não ter tido a oportunidade de participar de um jornal laboratório durante sua graduação na UniFTC. Ela expressou a falta de oportunidades dentro da instituição e destacou a necessidade de um jornal laboratório próprio, semelhante ao *Avera* de outra instituição em Salvador. Vitória ressaltou que a falta de continuidade na prática após o término das disciplinas teóricas resulta em uma lacuna na formação dos alunos, que poderiam se beneficiar da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Ao refletir sobre as lacunas em sua formação, Vitória (2024) identificou dificuldades em áreas, como: redação de texto e realização de entrevistas, habilidades essenciais para sua atuação profissional. Ela enfatizou a importância de ter a oportunidade de errar e aprender sob a supervisão de docentes durante a graduação, o que poderia ter preparado melhor para seu estágio atual.

Além disso, Vitória (2024) destacou a relevância da participação em jornais laboratórios para o desenvolvimento profissional futuro. Ela expressou o desejo de se

[4] Entrevista cedida ao autor.

envolver em atividades similares após a graduação, buscando oportunidades para aplicar a teoria e a pouca prática que teve na faculdade. Essa iniciativa demonstra seu compromisso em adquirir experiência prática e aprimorar suas habilidades antes de ingressar no mercado de trabalho.

Diante desses relatos, fica evidente a importância de garantir que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades práticas de jornalismo durante sua formação acadêmica. Instituições de ensino devem considerar a implementação de jornais laboratórios próprios e programas que incentivem a participação dos alunos em atividades práticas, visando prepará-los adequadamente para os desafios e demandas da profissão jornalística.

Em outras palavras, a participação em jornais laboratório desempenha um papel crucial na formação profissional dos estudantes de jornalismo, proporcionando-lhes uma oportunidade única de aplicar os conhecimentos teóricos em um ambiente prático e preparando-os para os desafios do mercado de trabalho. É fundamental que as instituições de ensino incentivem e promovam a participação dos alunos em atividades práticas de jornalismo, garantindo assim uma formação mais completa e preparada para os desafios da profissão.

5.3 Reflexões sobre a ausência de experiência em jornais laboratórios na formação profissional em jornalismo

Anna Luisa Botelho (2024)[5], graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, compartilhou sua jornada acadêmica e profissional, destacando a falta de oportunidades para participar de um jornal laboratório durante sua graduação na UniFTC. Anna explicou que, embora houvesse uma disciplina teórica relacionada ao jornal laboratório em sua grade curricular, a falta de obrigatoriedade e horários incompatíveis com seu trabalho a impediram de participar.

A ausência de experiência prática em jornais laboratórios teve um impacto significativo em sua formação profissional, especialmente ao ingressar no mercado de trabalho. Anna ressaltou que muitas das habilidades essenciais do jornalismo são adquiridas na prática, e a falta dessa experiência dificultou sua transição para o ambiente profissional. Ela mencionou a dificuldade enfrentada em seu primeiro estágio, onde teve que se adaptar a atividades que diferiam substancialmente de suas expectativas devido à falta de experiência prévia em jornalismo.

[5] Entrevista cedida ao autor.

A reflexão de Anna (2024) sobre a instituição de ensino ressalta a importância de oferecer suporte adequado para proporcionar oportunidades práticas, como jornais laboratórios, aos alunos. Embora reconheça o apoio geral recebido da instituição, ela destaca a necessidade de uma abordagem mais eficaz para garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário a essas oportunidades. Anna enfatizou a importância de implementar jornais laboratórios de forma mais efetiva, adaptando os horários de funcionamento para atender às necessidades de todos os alunos e garantir uma experiência prática enriquecedora.

Em sua análise final, Anna (2024) destacou a importância de um jornal laboratório focado em proporcionar uma verdadeira experiência de aprendizado, em contraposição a estágios cujos alunos são frequentemente utilizados apenas para tarefas operacionais. Ela enfatizou a necessidade de avaliar a adesão dos alunos a tais projetos e a importância de oferecer oportunidades significativas de aprendizado prático para todos os estudantes de jornalismo.

Diante dos relatos de Anna (2024), fica evidente a necessidade de instituições de ensino revisarem suas abordagens para garantir que todos os alunos tenham acesso a experiências práticas enriquecedoras durante sua formação acadêmica em jornalismo. A implementação eficaz de jornais laboratórios e o suporte adequado por parte das instituições são essenciais para preparar os futuros profissionais de jornalismo para os desafios do mercado de trabalho.

6 Análise das entrevistas sobre as práticas pedagógicas dos jornais laboratório

As entrevistas realizadas no âmbito deste estudo evidenciam a importância dos jornais laboratórios na formação prática dos estudantes de jornalismo. O *feedback* de três perfis distintos de alunos—um que participou de um jornal laboratório, outro que está próximo de finalizar o curso sem essa experiência, e um já formado sem ter tido essa oportunidade—mostra uma clara disparidade na preparação profissional e nas habilidades práticas desenvolvidas.

Alexandre Falcão (2024), que teve a oportunidade de participar do jornal laboratório Avera Notícias, destacou como essa experiência foi essencial para o desenvolvimento de suas competências jornalísticas. Ele mencionou que trabalhar em um ambiente simulado de redação lhe permitiu aprimorar habilidades de apuração, escrita e relacionamento com fontes, proporcionando uma transição mais suave para o mercado de trabalho. A vantagem

competitiva obtida por ter matérias publicadas e experiência prática no currículo é um testemunho da eficácia dos jornais laboratórios na formação de jornalistas.

Por outro lado, Vitória Oliveira (2024), que não teve acesso a um jornal laboratório durante sua graduação na UniFTC, relatou dificuldades significativas em seu estágio devido à falta de prática anterior. Ela sublinhou a necessidade de uma experiência contínua e prática, que poderia ter sido proporcionada por um jornal laboratório. Vitória (2024) destacou que, apesar de algumas disciplinas teóricas tentarem suprir essa lacuna, a ausência de um espaço permanente para a prática jornalística impediu um aprendizado mais profundo e eficiente.

Anna Luisa Botelho compartilhou uma experiência semelhante, apontando que a falta de oportunidade para participar de um jornal laboratório durante sua graduação teve um impacto negativo em sua formação profissional. A incompatibilidade de horários e a não obrigatoriedade dessa prática dentro do currículo acadêmico limitaram seu desenvolvimento. Anna enfatizou que muitas habilidades essenciais no jornalismo são adquiridas na prática, e a ausência dessa experiência dificultou sua adaptação no mercado de trabalho.

Refletindo sobre essas experiências à luz de filósofos e jornalistas renomados, como John Dewey (1916, 1938) e Walter Lippmann (1920, 1922), é possível contextualizar a importância da prática no processo educativo. Dewey, um proeminente filósofo da Educação, argumentava que a educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura, destacando a necessidade de experiências práticas como fundamentais para o aprendizado. A pedagogia de Dewey enfatiza a aprendizagem ativa e a importância de ambientes educacionais que simulam a realidade profissional, conceitos que se alinham diretamente com a função dos jornais laboratórios.

Walter Lippmann (1920, 1922), um influente jornalista e teórico da comunicação, também defendia a ideia de que a prática jornalística é essencial para a formação de jornalistas competentes. *Ibid.* acreditava que o jornalismo é um ofício que requer não apenas conhecimento teórico, mas também habilidades práticas desenvolvidas através da experiência. Através de suas obras, ele sublinhou a importância de um treinamento rigoroso e prático para preparar jornalistas capazes de lidar com as complexidades e responsabilidades da profissão.

As entrevistas e os conceitos dos filósofos e jornalistas mencionados ressaltam a necessidade urgente de instituições de ensino de jornalismo investirem em jornais laboratórios. Esses ambientes proporcionam uma plataforma essencial para os alunos desenvolverem e aplicarem suas habilidades em contextos realistas, preparando-os de maneira mais eficaz para os desafios do mercado de trabalho. A implementação de jornais laboratórios

contínuos e integrados ao currículo acadêmico não apenas enriquece a formação dos estudantes, mas também contribui para a criação de profissionais mais competentes e confiantes, prontos para atuar em um campo tão dinâmico e exigente como o jornalismo.

7 Considerações finais

A análise das entrevistas revela um consenso sobre a importância dos jornais laboratórios na formação prática dos estudantes de jornalismo. Os relatos dos entrevistados indicam que a participação em um jornal laboratório pode oferecer uma experiência valiosa, preparando os alunos para os desafios do mercado de trabalho e proporcionando uma vantagem competitiva. No entanto, também ficou claro que a falta de acesso a essas oportunidades pode resultar em lacunas significativas na formação dos estudantes.

Para melhorar a formação prática dos futuros jornalistas, é essencial que as instituições de ensino invistam na criação e manutenção de jornais laboratórios, garantindo que todos os alunos tenham acesso a essas experiências. Além disso, adaptar os horários de funcionamento e integrar mais práticas ao currículo acadêmico pode ajudar a assegurar que os estudantes desenvolvam as habilidades necessárias para suas carreiras.

Em suma, os jornais laboratórios são instrumentos capacitores fundamentais na formação de jornalistas, oferecendo um ambiente controlado onde os alunos podem aplicar seus conhecimentos teóricos de forma prática. A democratização do acesso a essas oportunidades é crucial para garantir uma formação mais completa e preparar os estudantes para os desafios e demandas da profissão jornalística.

8. Referências

Aristóteles (1991). **Ética a Nicômaco**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4977081/mod_resource/content/1/Etica%20a%20Nicomaco%20%28Aristoteles%29.pdf. Acesso em 06 mai. 2024.

Brasil. **Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d83284.htm. Acesso em: 19 nov. 2023.

Dewey, John. **Democracy and Education: An Introduction to the Philosophy of Education.** New York: Macmillan, 1916.

_____. **Experience and Education.** Simon and Schuster, 1938.

Lippmann, Walter. **Liberty and the News.** New York: Harcourt, Brace and Howe, 1920.

_____. **Public Opinion.** New York: Harcourt, Brace and Company, 1922.

Lopes, Dirceu Fernandes. Jornal Laboratório – **Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

Melo, José Marques de. **Diretrizes para um jornal-laboratório.** São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1967.

_____. **O ensino de jornalismo.** São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1972.

_____. **Laboratórios de jornalismo: Conceitos e Preconceitos. Cadernos de Jornalismo e Editoração**. São Paulo, n.14, Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA/USP, 1984.

Petrarca, Fernanda (2010). **As condições sociais de emergência e desenvolvimento do jornalismo no Brasil.** Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Petrarca/publication/266565733_As_condicoes_sociais_de_emergencia_e_desenvolvimento_do_jornalismo_no_Brasil/links/5535b6180cf268fd0015e590/As-condicoes-sociais-de-emergencia-e-desenvolvimento-do-jornalismo-no-Brasil.pdf > Acesso em: 05 nov. 2023

Vieira Júnior, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal laboratório.** Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2002. Disponível em: < http://pt.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornal-laboratorio#scribd > Acesso em: 11 nov. 2023.

Anexo A: Transcrição das Entrevistas

Perfil 1: Estudante que se formou e participou de um jornal laboratório durante a graduação

Bruno Cordeiro: Qual foi o papel ou função que desempenhou no jornal laboratório durante a graduação? Como você descreveria a sua experiência geral participando do jornal laboratório?

Alexandre Falcão: Tá, Bruno, só me apresentando: meu nome é Alexandre Falcão. Eu tenho 22 anos, eu sou de Salvador, natural de Salvador, nasci, fui criado aqui, sou jornalista, concluí a graduação no final do ano passado, graças a Deus, e sim, eu fiz parte de um jornal-laboratório. Eu fiz no final também da minha graduação porque era como um dos requisitos obrigatórios pra gente poder se formar. Então, eu acabei entrando no portal *Avera*, o *Avera* Notícias, uma agência de notícias experimentais da Unifacs, que toda a universidade tem que ter por um requisito do MEC, no curso de Jornalismo.

Dentro do portal eu desempenhava diversas funções, eu era repórter, eu era redator, eu era revisor de texto, eu exerci muito a revisor e editor de texto, eu exerci muito essas duas últimas funções porque como eu estava no oitavo semestre, a coordenadora do *Avera*, que era a Katia, a Katia Borges, uma grande jornalista de passagem. Ela colocou todos os alunos do oitavo semestre para ocupar essa função, mas não inviabilizava, nem possibilitava da gente fazer outras coisas.

Como eu pontuei anteriormente, eu fui redator, escrevi algumas matérias para o *Avera*, fui repórter também do *Avera*, então no *Avera* eu transitei entre muitas áreas, mas existem outras áreas também, mas por uma questão pessoal minha mesmo, eu acabei não entrando. Foi como social media, designer, porque são áreas do próprio jornalismo mesmo, assim, que eu não me identifico tanto. E eu acho que foi uma experiência, eu acho. Não, eu tenho muita certeza que foi uma experiência muito gratificante. Por se tratar de um jornal de laboratório, né, uma experiência acadêmica também, você tá ali dentro daquele universo, você tá ali como se você tivesse numa redação mesmo, né, eu já tinha já experiência com redação por conta do meu trabalho, que na época era um estágio. Hoje é trabalho, hoje no caso, né, não sou mais estagiário, né, sou efetivado, sou produtor, mas no caso é uma experiência muito fantástica porque você se sente naquele ambiente de redação, né, você se sente ali trabalhando com colegas como se estivesse num cenário de uma redação e eu não me sentia como se aquilo

fosse algo acadêmico, entende? Eu enxergava aquilo realmente como algo profissional, sério, que exigia um comprometimento, como exige-se, como é exigido, na verdade, nas redações de grandes veículos de comunicação aqui da Bahia, então foi uma experiência muito gratificante.

Foi uma experiência muito enriquecedora, me enriqueceu muito, não só como acadêmico na época, mas também como jornalista, de como iniciar processos de apurações, do relacionamento com as fontes, como eu fazia muita coisa relacionada a texto, me ajudou muito na questão da construção de textos, nas construções de lide, em algumas questões também, de própria estruturação e montagens de textos jornalísticos, notas, reportagens especiais, matérias mais curtas, resenhas, críticas, então isso enriqueceu também na hora da montagem do texto, também obviamente na própria questão do Português básico, nas pontuações e outros vicio de linguagem, então foi muito enriquecedor a experiência.

B.C: De que maneira a participação no jornal laboratório contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? Quais habilidades específicas você acredita ter aprimorado através dessa experiência?

A.F: Tá, o impacto na formação profissional. Eu acho que eu meio que respondi isso no áudio anterior, mas foi muito impactante, assim. Eu considero um impacto muito positivo, né? Um impacto positivo nesse sentido, porque, como eu falei, eu me sentia como se eu estivesse em uma redação de grandes veículos, entende? Eu não enxergava aquilo apenas como uma agência de notícias universitárias. Eu não enxergava o *Avera* só dessa forma. Não, eu enxergava o *Avera* mesmo como se fosse meu trabalho, entende? Como se eu estivesse sendo pago para fazer o que eu fazia no *Avera*, né? Eu enxergava o *Avera* muito nesse sentido, eu tinha muito comprometimento com o *Avera.* E eu pensava em grandes pautas para o *Avera*, para ser capa do *Avera*, né? Para ficar na home do site. Eu tinha muito esse comprometimento, assim, porque, de fato, o *Avera* ali, ele tá para formar um profissional, ele tá para colocar o profissional no ambiente mesmo do mercado de trabalho.

Para você, para o mercado de trabalho, para você, aluno, aluna, ocupar um espaço em grandes redações de grandes veículos. Eu acho bacana também. Uma coisa que eu não respondi no primeiro áudio, que o *Avera*, ele me possibilitou, ele me deu margem para eu poder explorar facetas minhas mesmo, na relação minhas com outras editorias, que eu particularmente não tinha muito. Eu pude fazer coisas relacionadas à diversidade, cultura, engajei em esportes, por exemplo, que é uma coisa que eu, enquanto jornalista, eu não tenho tanta aptidão assim para o

esporte, nunca foi uma editoria de meu interesse, mas eu fiz, e assim, gostei muito, porque me deu essa possibilidade e abriu esse leque mesmo assim.

Então, eu acho que em impactos profissionais, eu destaco justamente essa. Preparo para o mercado, e no *Avera*, especificamente, falando do *Avera* que eu participei, me trouxe essa versatilidade no currículo, de poder ter uma proximidade com outras editorias que por uma escolha minha própria durante a minha graduação eu não tinha tanto apreço por algumas editorias, eu tinha mais apreço por outras, como por exemplo a editoria de Cidades, mas eu adoro fazer coisas para a cidade, falar sobre a cidade de Salvador, problemas da cidade de Salvador. Política também é uma coisa que eu tenho, mas apreço assim, algo mais rotineiro meu mesmo, de produzir matérias de política, enquanto esporte, cultura, diversidade eram coisas que eu sabia assim, o básico, mas que eu não tinha tanta afinidade. O *Avera* me proporcionou isso, ter essa afinidade maior, então acho que o impacto foi isso, essa formação e essa preparação também. Também uma outra coisa que eu acho que é um impacto positivo, o *Avera*, na época em que eu participava, acredito que hoje também tá assim, ele não tinha só a possibilidade do texto, né, você podia trabalhar também com o vídeo, edição de vídeos e tudo mais, ele tinha esses diferentes formatos, né, produção de *long forms* também. Então, a Katia, quando ela chegou, ela fez muitas provocações, entende, muito, muitas provocações mesmo, então isso também foi algo interessante, né, preparar o estudante, né, enquanto ali estudante naquela posição, você preparar o estudante para não lidar só com o texto para o digital, sabe? Você preparar o estudante também para ter outros formatos, né, para saber trabalhar, saber conduzir, saber formar, né, montar outros formatos, como é o caso de um *long form*, como é o caso de um podcast também, então a *Avera* possibilitava essa versatilidade em vários meios jornalísticos.

B.C: Você notou diferenças significativas em relação a colegas que não participaram de jornais laboratórios em termos de habilidades profissionais?

A.F: E diferenças percebidas? Pô, eu percebi muitas diferenças, assim, sabe? Quando a gente está na faculdade, a gente sempre fica muito ansioso pela questão do estágio. Eu, pelo menos, comigo, foi assim. Então, durante a minha graduação, no início do meu terceiro semestre, eu fiz a minha primeira seletiva de estágio. Eu antes não tinha nenhum participado, na verdade, de nenhum tipo de laboratório da Unifacs. E outros amigos meus tiveram, e eles tiveram destaque na hora da entrevista, né? E eu fui percebendo isso. Foi aí que, inclusive, eu comecei, né? Eu tinha feito antes um outro laboratório, mas não era de agência de notícia experimental, era um outro projeto da Unifacs. Foi o Fusca, que é o Festival de Cultura e

Sustentabilidade da Unifacs, que era mesmo um site de Instagram pra falar sobre eventos da universidade e tudo mais. A gente não tinha site, nada, era tudo mesmo escrito para o digital para a rede social no Instagram, e quando eu participei, eu já comecei a perceber a diferença, quando eu participei do *Avera*, que era algo bem mais nichado (sic), ligado especificamente à minha área, as oportunidades se abriram.

Fora o enriquecimento no seu próprio currículo, no seu próprio portfólio, eu tenho no meu portfólio hoje matérias que eu publiquei no *Avera*, matérias que eu revisei para o *Avera*, trabalhos que eu fiz para o *Avera* também, e isso trouxe uma gama de possibilidades, de efetivação no meu estágio, outras oportunidades também, então assim, para quem está no mercado de trabalho, quem está buscando um profissional, quem está querendo contratar, isso conta muito. A gente, às vezes, leva meio na descrença, não dá tanta validez para projetos de faculdade como no caso do *Avera*, porque enfim, algo experimental, é algo que não tem renda. Eu escutei isso uma vez, inclusive, de um colega meu, que falou que não participaria porque não era remunerado.

Então, assim, eu olhava muito isso como uma forma de aperfeiçoamento. Como eu falei, eu não enxergava aquilo como algo acadêmico, naquele nicho acadêmico eu enxergava o *Avera* mesmo como um trabalho, para mim era um trabalho. Eu tinha todas minhas responsabilidades, me importava como se eu tivesse uma redação, me enxergava aquilo ali realmente como uma redação, e olhava na questão mesmo da competitividade com outros veículos, de saltar informações que outros veículos não tinham, essa disputa assim mesmo, pelo clique, óbvio.

Então, enxergava muito nesse sentido. Eu vi alguns colegas meus, eu tendo oportunidades, que alguns colegas meus não tiveram, e aí só depois que participaram do *Avera*, começaram a ter as oportunidades, começaram a embelezar, por assim dizer, no currículo, e conseguindo. Eu percebo muito a diferença, e acho que, de fato, todos estudantes, todos graduandos de jornalismo, nesse caso, precisam de fato ter essa experiência, precisam passar por um processo desse, até mesmo para entender a dinâmica. Óbvio que cada redação funciona de uma maneira, tem as questões de linha editorial e tudo mais, que isso é a adaptação a cada veículo, obviamente. Mas o jornal laboratório, essas agências experimentais que as faculdades elas oferecem são muito bons porque elas te dão uma dimensão de como é que funciona, de uma rotina de produção, de uma rotina de apuração, de uma rotina de reportagem, de uma rotina de edição, de revisão. Então, ela te prepara para esse ambiente, você começa a ver e você leva isso. Eu levei muita coisa que eu aprendi no Avera para o meu trabalho, entende?

Para a minha carreira profissional, que hoje eu vejo, eu percebo algumas pautas também que eu tinha vontade de fazer, eu já levo, eu já sei a construção da pauta também que é muito importante. Então assim, são aperfeiçoamentos que a gente leva para a vida, entende? Então eu acho que essas foram as diferenças bens significativas que eu repare em relação a outros colegas.

Perfil 2: Estudante que está na graduação perto de finalizar e não participou do jornal laboratório

Bruno Cordeiro: Por que você não participou de um jornal laboratório durante a graduação?

Vitória Oliveira: Oi, meu nome é Vitória Oliveira, sou estudante de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Não participei devido a não ter oportunidade dentro da instituição no qual eu estudo. Pelo que percebi, a faculdade não tem um jornal laboratório que é utilizado para as práticas dos alunos de Jornalismo, tipo o *Avera*, de uma outra instituição de ensino em Salvador cujo alunos é que alimentam o site constantemente e eu sinto essa necessidade na UniFTC. Às vezes, surge até disciplinas cujo despertar essa prática em criar um portal, em fazer matérias, porém isso só acontece durante a disciplina que tem mais parte teórica que prática. Então, depois que acaba aquela disciplina, não há continuidade. Deveria existir um jornal laboratório da própria faculdade e ser meio que obrigatório passar por ele, dessa forma, ele permanecerá frequentemente alimentado.

B.C: Você considerou participar em algum momento?

V.O: Se sim, quais foram os motivos para fazê-lo? Sim, porém na instituição que estudo não em um jornal laboratório da próprio. Eu acharia muito interessante em tê-lo pois essa seria uma oportunidade de nós alunos termos para aplicarmos o que aprendemos dentro da sala de aula. E despertar interesses, né? Pois dentro de um jornal laboratório tem diversas áreas de atuação, então ali já meio que serviria para nós identificarmos qual área de atuação iriamos seguir após graduação, seja ela edição de texto, redator, repórter, social media, editor de vídeo, cinegrafista e outros.

B.C: Você sentiu alguma lacuna em sua formação por não ter participado de um jornal laboratório?

V.O: Sim, por exemplo no meu estágio mesmo eu tenho que escrever bastante texto e fazer entrevistas, ainda tenho dificuldades, se eu tivesse tido a oportunidade de fazer na faculdade com a supervisão do docente, ensinando e corrigindo os erros, eu não teria dificuldades no estágio.

B.C: Como você acredita que a participação poderia ter contribuído para o seu desenvolvimento profissional?

V.O: Sim, com certeza, como falei anteriormente, seria o ambiente para eu errar e acertar, para quando tiver trabalhando nas áreas, evitar erros bobos e fazer tudo da maneira correta.

B.C: Você tem planos de se envolver em atividades similares após a graduação para adquirir experiência prática?

V.O: Sim, eu pretendo, antes de terminar minha graduação, irei procurar um portal para ser voluntária e aplicar a teoria e uma das poucas práticas que tive na faculdade para poder me aprimorar.

Perfil 3: Estudante que se formou e não teve oportunidade de participar de um jornal laboratório

Bruno Cordeiro: Durante a sua graduação, existiam oportunidades para participar de um jornal laboratório na sua instituição? Se sim, você pode compartilhar os motivos pelos quais não pôde aproveitar essas oportunidades? Como você percebe que a falta de oportunidade para participar de um jornal laboratório impactou sua formação profissional? Existiram momentos específicos em sua carreira em que sentiu que essa experiência teria sido benéfica? Como você avalia o suporte da instituição de ensino para proporcionar oportunidades práticas como jornais laboratórios? Quais sugestões você teria para melhorar ou expandir essas oportunidades para estudantes futuros?

Anna Luísa Botelho: Bom, meu nome é Anna Luisa Botelho, já formada e respondendo a entrevista, a questão de ter a chance de participar do Jornal Laboratório, ela não ocorreu, de certo modo. A gente tem uma disciplina dentro da nossa grade de universidade que tem a disciplina do Jornal Laboratório, mas é uma disciplina muito mais teórica. Óbvio que tem, e sim, alguns trabalhos, mas não é ali onde a gente pratica em si o jornal laboratório. E, como a faculdade não colocou isso como algo obrigatório, eu não tive essa oportunidade de fazer. Durante a graduação, sim, tive uma oportunidade, porém era em um horário que com certeza não daria, tendo em vista que durante toda a graduação eu trabalhava em turno oposto e realmente só tinha ali o momento da noite para a universidade. Então, de todo modo, seria algo que poderia, sim, ser inviável para mim. E quanto ao impacto, eu percebi que teve um impacto muito grande porque muitas coisas a gente aprende na prática. Então, talvez, se eu tivesse tido essa prática no momento que eu fui para o mercado de trabalho, isso teria facilitado mais para mim.

O meu primeiro estádio foi em uma agência de publicidade. E, apesar de minha formação ser jornalismo, lá era uma agência de publicidade onde eu era redatora publicitária e social-mídia. Então, eu não desenvolvia atividades jornalísticas tradicionais, vamos dizer assim. E depois, faltando um ano e pouco para o fim da minha graduação, eu entrei em um estágio onde eu realmente iria ser uma estagiária de jornalismo, escrevendo notícias. Fazendo pautas, entrevistas e essas atividades que a gente tanto espera, e eu tive, sim, muita dificuldade, tanto que depois eu acabei migrando para essa área de redes sociais e fui mesclando ali entre jornalismo e redes sociais, porque já era algo que eu me sentia mais confortável. E foi nesse momento de estágio fora da universidade, desse jornal laboratório, nós precisamos dizer, fora

da universidade, onde eu aprendi, na prática, tudo que eu precisava é sobre o jornal laboratório.

Então eu acho que é interessante, sim, existir isso dentro da universidade de forma mais efetiva e nos horários onde os alunos já estariam na universidade de fato. Para a gente, para os alunos da manhã, que isso seja na manhã, para os alunos da tarde, que isso seja na tarde, e para os alunos da noite, que isso seja a noite. Em questão do suporte da instituição de si, eu não tenho muito o que reclamar de todo o suporte em geral que é da FTC. Sempre foi uma instituição que me acolheu muito, que resolveu os meus problemas, mas é óbvio que para alguns alunos e colegas que relatam ter sentido essa maior falta dessa questão de um jornal laboratório, porque muitas vezes não tiveram ali a oportunidade de ter isso nem dentro do curso, porque não era oferecido e também não tiveram fora porque não conseguiram estagiar.

Ou se conseguiram estagiar foi um segmento que não estava ali tanto para ensinar, porque a gente sabe que hoje no mercado de trabalho tem muitos estágios que eles querem um funcionário que receba menos e não alguém que seja ali para aprender, então eu acho que um jornal laboratório focado em realmente ensinar faz muita diferença, mas também é importante avaliar qual seria a adesão dos alunos a esse possível projeto. Então é basicamente isso que eu acredito. É basicamente isso a minha experiência: eu me formei e não tive realmente experiência de jornal laboratório.

Anexo B: Portal *Avera*

